

QUESTÃO INDÍGENA

Meninos são enviados para viver com brancos

Por decisão dos anciãos, garotos xavantes trocam aldeia por cidade para estudar e aprender

PABLO PEREIRA

O índio Siridwê Xavante, ou Jurandir, como é chamado pelos brancos, tinha 9 anos, vivia uma infância no mais puro contato com a natureza na aldeia, quando foi escolhido pelos líderes de Pimentel Barbosa para formar um grupo que deveria executar uma nova missão de sobrevivência. Havia poucos meses, Siridwê fora separado da mãe para ser treinado para a vida adulta pelos velhos, seguindo a centenária tradição da etnia. Mas, desta vez, o garoto não aprenderia as artimanhas da caça na selva, os atalhos da força bruta nas competições ou, ainda, a truculência dos guerreiros mais respeitados no ataque a invasores.

Siridwê foi enviado com outros oito pré-adolescentes para a trilha de um amigo, tentar combater a fúria dos brancos. Nas histórias ouvidas por ele da boca dos mais velhos na aldeia, eram os brancos o povo que os vinha encurralando num cerco mortal e persistente desde o início desse



Canabre Wairi estuda em casa, em Ribeirão Preto: enfermeiro

século. A vida de Siridwê, hoje na faixa de 30 anos, neto de Apoena, o mais respeitado chefe xavante conhecido, é parte de uma dramática tentativa de sobreviver fora da aldeia. Os meninos xavantes não sabem com exatidão qual é a própria idade. Eles integram grupos

por faixa etária. Siridwê tem entre 27 e 35 anos.

Salvação - Vendo nos pequenos talvez a única chance de salvação, os velhos começaram a seleção. Siridwê, o derradeiro do grupo, foi mandado para Ribeirão Preto, onde passou a morar no bairro da



O xavante, Roberto e Vilma, casal que o recebeu: aprendizagem

Lagoinha com uma família considerada amiga. A escolha da cidade foi influenciada por um indigenista amigo que morava na região de Ribeirão.

Depois dele, somente seu primo, Canabre Wairi, foi enviado. Canabre deixou Pimentel Barbosa aos quatro anos e hoje, com cer-

ca de 18 anos, estuda enfermagem em Ribeirão Preto e mora com uma família de brancos no bairro Jardim Manoel Pena. Ele foi criado pelo casal Roberto e Vilma de Oliveira, que quando o recebeu, tinha somente um ano de casamento.

Como os demais emissários - Siridwê e Canabre tiveram de adaptar-se à ausência dos amigos, estudar nas escolas urbanas e aprender português. O avô guerreiro dos dois, que morreu com mais de 100 anos, negava-se a aprender o idioma dos brancos. Apoena defendia a aproximação, desde que cada cultura mantivesse a identidade.

Ponte - Os garotos não decepcionaram. A tentativa desesperada dos líderes da tribo de montar

uma ponte entre as duas culturas para preservar os traços ainda existentes dos xavantes produziu efeitos. Um deles, Paulo Xavante, é hoje vice-cacique. Os demais desenvolvem atividades de intercâmbio entre os dois povos na aldeia.

Descendentes de um povo que habita cerca de 60 aldeias em seis áreas diferentes na região vizinha ao Parque Nacional do Xingu, Siridwê e os colegas sabem comunicar-se em português. Nascidos na Reserva do Rio das Mortes, que tem 320 mil hectares e orgulha-se de não ter nenhuma missão religiosa, eles incorporaram hábitos urbanos, mas conservam a indignação dos antepassados quando falam dos perigos que ameaçam os índios.

Pimentel Barbosa é uma comunidade na qual vivem cerca de 400 índios. Na década de 80, o povo xavante apresentava uma excepcional taxa anual de crescimento de 6,6%, o dobro da média nacional. Na aldeia não há missões de catequese, comuns em outras reservas xavantes, como Parabubure, em Guapinópolis, e São Marcos, em Barra do Garças.

Na viagem para conhecer a cultura das cidades, Siridwê prestou vestibular para direito, frequentou o curso por 15 dias, mas não se adaptou e desistiu. Depois, tentou geologia na Bolívia. Aguentou um ano. Sem concluir o curso, abandonou La Paz e transferiu-se para São Paulo. Hoje, transformou-se numa espécie de embaixador da tribo, encarregado da divulgação da cultura da aldeia em palestras para escolares. Siridwê lembra com alegria da infância em Ribeirão, onde ensinava meninos da cidade a fazer flechas de caça.

Entusiasmo - Na semana passada, vestido com calça, camisa e sapatos, ao lado de um computador, ele exercia com veemência a função para a qual fora destacado: havia 20 anos. Com uma arguição militante, sentado numa sala do Núcleo de Cultura Indígena, no Butantã, zona oeste de São Paulo, o xavante defendia seu povo e comentava os preparativos para mais uma batalha. Entusiasmado com o evento programado para o Parque da Independência, ele não se cansava de repetir: "Agora, quem vai contar a história são os xavantes".

"Vimos para tirar alguma coisa de boa dos brancos", diz Canabre. A humildade com que ele comenta a experiência que vive desde os quatro anos de deslocamento por trás da afirmação, não há um sentimento revanchista, mas de necessidade de entender a cultura branca. "Aqui há pessoas muito diferentes umas das outras e muito o que aprender", prossegue. Ele está decidido a voltar para a reserva logo que concluir o curso, dentro de aproximadamente dois anos. "Acho que vou poder ajudar porque lá temos muitas doenças", disse.

Na busca por aliados, os últimos rebeldes do cerrado já receberam na aldeia o cantor Milton Nascimento, que entre 1989 e 1991 preparou o disco Txai. Em 1994, participaram das gravações do CD Etênhriripá, com músicas xavantes e, no ano seguinte, conheceram os roqueiros do Sepultura. A última vez em que procuraram chamar a atenção para o drama da tribo ocorreu em maio. Um grupo de guerreiros dançou e cantou numa promoção do Sesc no Parque da Independência, em São Paulo. Siridwê participou de todas essas articulações. Falando um português que deixa ao interlocutor a impressão de um sacrifício, ele acredita que a experiência a qual foi submetido "valeu a pena".

Os xavantes pertencem ao tronco lingüístico jê. Os grupos lingüísticos indígenas são divididos em quatro grandes troncos: aruaque (grupo do Rio Purus e parecis), tupi (guaranis, tuparis), caribe (bacaíris) e jê (gavião, timbiras, caiaipós, xavantes). Há ainda outras etnias que falam línguas isoladas, como os txapacura e os nhambiquaras.

Parque Empresarial Arturville. A resposta brasileira aos desafios da globalização.

INFORME E UBICITARIO

Dentre as novas exigências da economia globalizada destaca-se a necessidade das indústrias em todo o mundo adotarem métodos atualizados de produção e distribuição. Para cumprir essa tarefa, a escolha dos locais mais adequados à implantação de suas unidades operacionais torna-se fundamental.

No Brasil, a região do Vale do Paraíba mais próxima de São Paulo, cortada pela Rodovia Presidente Dutra, apresenta condições ideais. Tanto pelo forte complexo industrial que sedia, como pelas facilidades de acesso aos principais terminais de importação e exportação que possibilita.

Exatamente aqui, a 58 quilômetros de São Paulo, na zona de influência de uma das mais importantes macrorregiões do País, está surgindo o PARQUE EMPRESARIAL ARTURVILLE: um projeto com

inovações tecnológicas que o colocam no mesmo nível dos mais modernos e conceituados pólos industriais do mundo. Sua localização estratégica, às margens da Dutra, no município de Jacareí, é o primeiro fator de sucesso garantido para as empresas que aqui vierem a se instalar. ARTURVILLE reunirá tudo que um pólo industrial moderno exige: proximidade dos mercados consumidores e das fontes de insumos e matérias-primas, mão-de-obra qualificada e facilidade de escoamento da produção por transporte rodoviário, aéreo, ferroviário, fluvial e marítimo. A vizinhança com inúmeras universidades e faculdades, onde estudam mais de 60.000 alunos, e com alguns dos mais importantes centros de pesquisa do País, como INPE, CTA, EMBRAER e ITA, facilitará o acesso das empresas a avançadas tecnologias.

A região concentra grande número

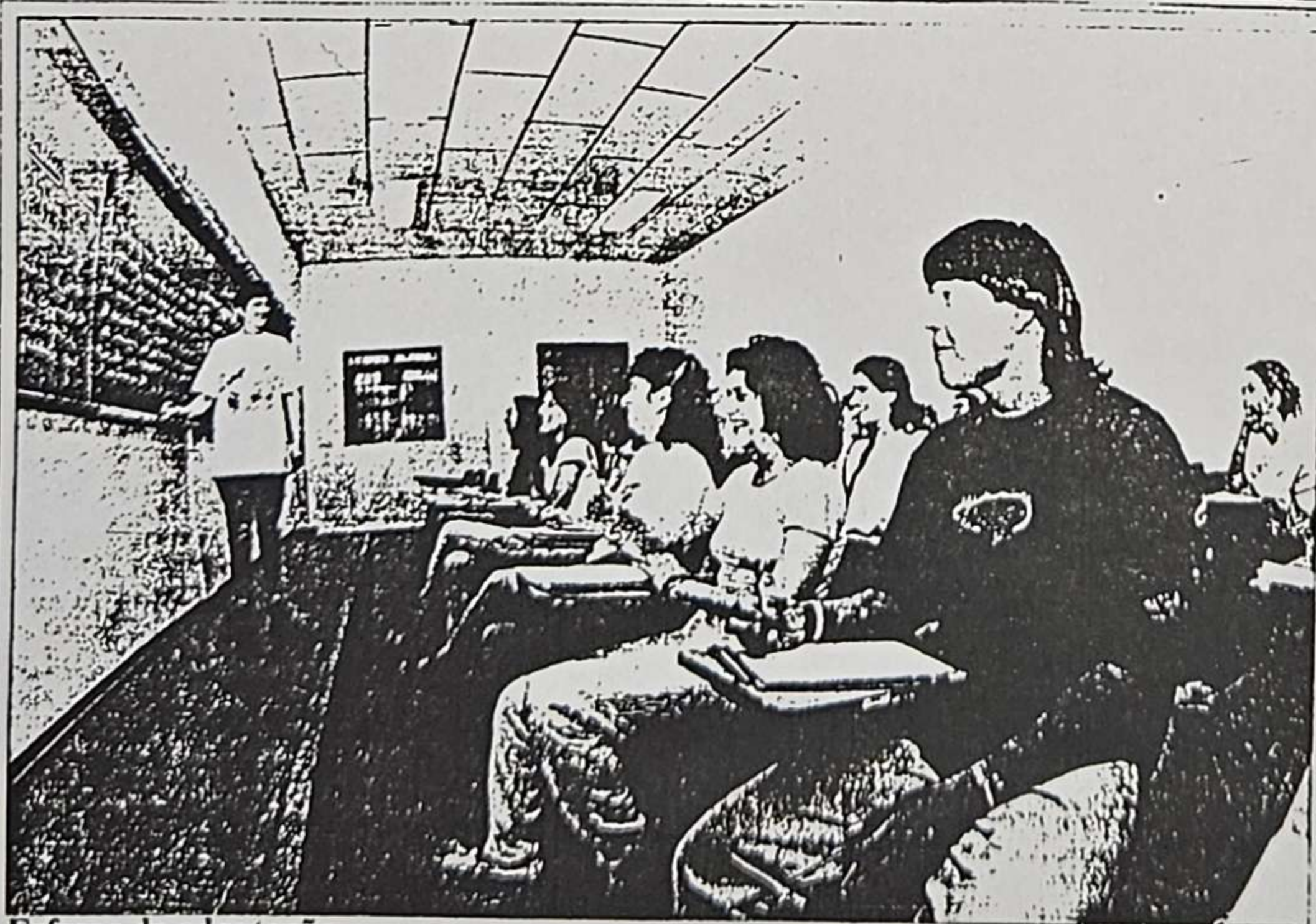
de empresas nacionais e multinacionais, como Petrobras, General Motors, Rhodia, Brastel, Latasa, Kaiser, Kodak, Johnson & Johnson, Nestlé e outras.

O PARQUE EMPRESARIAL ARTURVILLE foi planejado para sediar indústrias dos mais diversos setores, em seus mais de 9 milhões de m². O projeto, pioneiro no Hemisfério Sul, segue o conceito das fábricas-jardins, com mais de 3 milhões de metros quadrados para áreas verdes e de preservação. Aqui as empresas contarão com pavimentação para tráfego pesado, iluminação pública, redes de energia elétrica, água e esgotos, paisagismo e portaria controlada dia e noite. Haverá também áreas reservadas para comércio e serviços, heliponto e balança, bem como para creche, escola, biblioteca, pronto-socorro, centro de convivência social e quadra poliesportiva, além de faci-

lidades próximas como sistema de comunicação com fibra ótica, telefonia convencional e gasoduto. A segurança 24 horas, com controle de acesso de pessoas e veículos, será complementada por um posto interno do Corpo de Bombeiros.

O empreendimento é uma realização do Grupo ARTEB e da ENPLAN Engenharia e Construtora. A exclusividade das vendas está a cargo da FERNANDEZ MERA Negócios Imobiliários. Venha conhecer este magnífico empreendimento, e reserve já um lote para sua empresa facilitado em 60 meses.

Solicite também seu convite, pelo tel.: (011) 3061-3366, para o Lançamento da Pedra Fundamental e Inauguração do Trevo de Acesso à Rodovia Presidente Dutra do Parque Empresarial Arturville.



Esforço de adaptação

Canabre Wairi faz curso de enfermagem em Ribeirão Preto. Ele é um dos xavantes enviados pelas tribos do Mato

Grosso para estudar e entender melhor o mundo civilizado e lutar contra o perigo da extinção. Há 50 anos, tinham

início os contatos entre eles e a Expedição Roncador. A data serviu lembrada com uma série de eventos. Páginas A17 e A18

Pierre Duarte AE